

JEFF ABBOTT

BEIJO FATAL

Tradução de José Vieira de Lima

1

Em momentos de depressão, o Lâmina (o nome secreto que adotara) gostava de ir descontrair para as traseiras da velha casa de madeira lascada onde as suas três Queridas estavam enterradas, e sentir a força das suas vidas desaparecidas a vibrar dentro dele. Reinava um sossego absoluto à sombra dos carvalhos e, nas noites de solidão, o Lâmina imaginava que as suas Queridas ainda viviam com ele: escutava os seus gritos e súplicas e via-lhes os olhos cheios de lágrimas e de medo. O reino dele era pequeno, não mais que seis metros por seis, e tinha apenas três súbditos. No entanto, o Lâmina reinava sobre esses três súbditos plenamente – sobre a sua vida, sobre o seu corpo, sobre a sua alma.

Naquela noite, enquanto o gravador portátil passava uma casete já muito gasta dos Beach Boys e as límpidas harmonias de *God Only Knows* se elevavam por entre os ramos dos carvalhos, sentou-se entre duas das sepulturas anónimas: de um lado, a rapariga da Luisiana, aquela miúda de cabelo cor de cenoura, insolente e mal-criada, que lutara com uma ferocidade animal; do outro, a jovem de Brownsville que passara o tempo todo a chorar e dificilmente manteria o título de Querida. Seleccionara uma nova Querida, uma escolha de alto nível. Mas o medo dava um gosto de fumo à sua saliva, porque nunca cortejara ninguém tão perto de casa e muito menos tão famosa.

No dia anterior, no minimercado, seguira-a durante uns ousados dez minutos; suave tanto que a transpiração lhe fazia comichão

nas costas, mas, ainda assim, passeara-se perto da jovem enquanto ela fazia as suas compras com o matulão do namorado que a levava para Port Leo. O Lâmina não gostava do namorado, Pete, não, nem um bocadinho, embora gostasse de se lembrar das coisas porcas que ele fazia nos filmes porno. Pusera-se à escuta da conversa deles no minimercado, fazendo de conta que examinava os vinhos enquanto o casal escolhia a cerveja. Ela preferia as mexicanas, das que se bebiam com uma rodela de limão no gargalo da garrafa; teria dado tudo para conhecer o gosto da cerveja, mas a Mamã não o deixava beber. O Lâmina estava à espera de os ouvir falar de sexo, visto que era essa a sua profissão, mas Pete e a sua Querida só falavam de camarão grelhado, do outono chuvoso e da ex-mulher de Pete, uma grandessíssima cabra que não fazia outra coisa senão lixar-lhes a cabeça.

A voz da sua Querida parecera-lhe crispada, impaciente. *Estou farta de andarmos às escondidas no raio desta terra e de tu sempre a mandar vir com aqueles cretinos. Vamos para Houston escrever o teu filme. Sou completamente a favor do plano B.* A sugestão de que a sua Querida ia fazer um filme, ali, em Port Leo, fez com que a garganta do Lâmina secasse de desejo. O namorado murmurou que não. E ela replicou: *Porra, esquece essa merda com o teu irmão.*

Num ápice, a doce agonia de estar perto dela transformou-se numa fogueira de medo. Espavorido, pegou numa garrafa de *Cabernet* barato e precipitou-se para as filas das caixas, a abarrotar de turistas. Refugiou-se na secção dos cereais e escondeu a garrafa atrás das embalagens de *Cheerios* e só se atreveu a sair depois de a sua Querida e de o namorado terem deixado a loja.

Eles não o tinham visto, não sabiam quem ele era.

Pete estava a escrever um filme? Nunca lhe passara pela cabeça que os filmes daqueles dois precisassem de argumento. Não bastava pôr a câmara a filmar, meter-se na cama e fazer contorções e gemidos tão sinceros como os dos profissionais de luta livre?

Na semana anterior, após ficar a saber que a sua próxima Querida fazia filmes de um género extremamente duvidoso, metera-se no carro e fora dar uma volta pelas *sex shops* de Corpus Christi. Só frequentava lojas dessas em San Antonio, a duas horas de carro,

e em Corpus Christi, que ficava a cerca de cinquenta quilómetros; evitava os poucos estabelecimentos que ficavam demasiado perto de Port Leo, ao longo da A35; nunca ia muitas vezes à mesma loja e pagava com notas que tinham envelhecido por terem passado um ror de tempo debaixo do colchão da Mamã. Nunca pedia conselhos aos vendedores – não queria que se recordassem dele – e tentava passar despercebido entre os homens sem rosto que por lá deambulavam. Não havia nele nenhum traço distintivo: era mais um solitário entre todos aqueles tipos que só tinham olhos para as mamalhudas das capas dos vídeos.

A sua pesquisa revelou que ela entrara em pouquíssimos filmes, mas que dirigira um grande número. Quase se sentia orgulhoso dela. Na sua última excursão comprara em promoção um filme com cinco anos em que ela era a vedeta. O último em que entrara. Optara por um nome artístico que o Lâmina achava desinteressante: Velvet Mojo. O título do vídeo era *Loucura nos Correios*. Imaginou que o posto dos correios em causa seria alvo de um tratamento satírico. Talvez mesmo deliciosamente violento. Mas o filme dececionou-o. Nenhuma violência. E, embora a sua Querida se mostrasse versada em truques eróticos envolvendo selos, que o deixaram de língua seca, Pete, o namorado, fazia-lhe coisas que pareciam erradas, doentias. O Lâmina viu-os em inúmeras cópulas até que os contornos do mundo se esbateram e a mente dele se rendeu ao sono. Ouviu a Mamã a praguejar. Quando acordou, sentiu-se ofendido. A sua Querida merecia descansar no prazer da sua companhia.

Podia salvá-la daquela sordidez.

Salvá-la-ia.

O pequeno espaço umbroso sob os velhos carvalhos curvados seria perfeito. Já ganhar os favores dela seria mais complicado: cortejar as outras Queridas e evitar suspeitas fora fácil, porque a Luisiana, Brownsville e Laredo ficavam longe, ao passo que a Querida mais recente morava a um ou dois quilómetros dali. Teria de aguardar. Sim, só daí a uns dias poderia verdadeiramente desfrutar da companhia dela. A sua fome aguçava-se; imaginava-lhe os lábios manchados do seu próprio sangue, com um sabor a cobre e a morangos.

Estava determinado a ir até ao fim. Seria sua. Mas, primeiro, teria de se assegurar de que ninguém se preocuparia com o desaparecimento dela.

2

O telefone acordou o meritíssimo Whitman Mosley às dez e meia da noite, arrancando-o brutalmente a um sonho que misturava cartazes de campanha, um jargão jurídico incompreensível e a sua madrasta numa diáfana camisa de dormir. Whit murmurou um palavrão antes de pegar no auscultador.

– Juiz Mosley – resmungou.

– Fala o agente Bill Fox, juiz. Lamento tê-lo acordado, mas temos um cadáver e precisamos que venha cá certificá-lo.

Whit sentou-se na cama.

– Onde?

– Na marina do Golden Gulf.

Whit piscou os olhos e esticou-se. Era a marina dos ricos de Port Leo: só barcos de recreio com mais de quinze metros.

– Já o identificaram?

– De acordo com a carta de condução, é Peter James Hubble.

O gelo instalou-se no estômago do juiz. *Santo Nome de Deus*.

Fox interpretou o silêncio do outro lado como um convite a que fornecesse pormenores.

– Uma jovem apareceu aqui por volta das dez horas e encontrou o tipo morto. Um tiro na boca.

Ora ali estava uma história perfeita para dar manchetes bem espalhafatosas. Em todo o Estado do Texas.

– Está bem, estarei aí daqui a pouco. – Whit levantou-se, fazendo cair um livro da cama. Adormecera enquanto tentava avançar pelas páginas do Código Civil, o melhor remédio do mundo para a insónia.

– Tenho estado a pensar se este tipo não será parente da senadora Hubble – refletiu o agente Fox em voz alta.

A sério, Sherlock?, era o que Whit lhe queria responder; porém, travou-se a tempo, ao recordar o carácter gentil e afável de Fox. Ainda por cima, o agente também era um eleitor, e Whit precisava de todos os votos possíveis e imagináveis.

– Sim, é filho dela. Esteve fora durante vários anos. – Whit conseguiu manter o tom neutro. – Quando tivermos a certeza de que é ele, alguém terá de telefonar à senadora.

– Muito bem, juiz. Vou falar com o chefe.

– De acordo, Fox, obrigado. Até já. – Desligou.

Falar com a senadora, o tanas. E se telefonasses à ex-mulher do morto? Voltando a pegar no auscultador, começou a ligar o número de Faith Hubble, mas, de repente, parou. Não. Para quê pôr a cabeça de Faith de pantanas enquanto não tivesse a certeza de que era Pete?

Por favor, meu Deus, não deixes que a Faith esteja implicada nisto.

Whit enfiou uns calções caqui amarrotados, uma *T-shirt* lavada e a camisa de praia com um padrão de papagaios que vestira de dia. Fechou à chave a porta da casa reservada aos convidados e, ainda descalço, atravessou rapidamente a zona cimentada em torno da piscina; nas traseiras da casa principal encontrou um par de sapatos gastos num monte de acessórios da piscina. Através da janela, viu o pai, Babe Mosley, que preparava uma sanduíche na cozinha. O pai deu por Whit e abriu-lhe a porta das traseiras.

– Quem é que ligou? – perguntou. Babe vestia um roupão de seda que o próprio Hugh Heffner teria aprovado.

– Encontraram um cadáver – retorquiu Whit.

– Ah! – observou Babe, examinando Whit com atenção. – Não levas isso vestido, pois não?

– Porque não? – Whit enfiou os velhos sapatos de lona. Um deles tinha um buraco na ponta e deixava entrever a unha grande do pé.

– Por amor de Deus, filho, é capaz de encontrar eleitores no local do crime. Ou até uma multidão, quem sabe. Devias apresentar-te mais como um juiz. Um fato talvez não fosse má ideia.

– Pai, agora não tenho tempo para mudar de roupa. – Whit fazia

um esforço para controlar a voz. Tinha trinta e dois anos e o pai ainda lhe pregava sermões. – O cadáver de certeza que se está nas tintas para o que eu levo vestido. – Afastou o pai e, de um cabide que havia na cozinha, tirou um boné azul-marinho que comemorava um torneio de pesca de Port Leo: nele podia ler-se «Rezem pelos espadartes».

– Estás a ver: este boné não poderia ser mais adequado. Estou pronto – declarou Whit.

– Whit? – Era a voz de Irina a chamá-lo. O juiz atravessou a cozinha e deu uma espreitadela. Irina estava à porta do quarto do pai, envergando uma reduzida camisa de noite cheia de folhos que um espirro um pouco mais forte teria por certo levantado. Viver com o pai era má ideia. Mudaria de casa logo após as eleições.

– Quem é que ligou? – A voz da madrastra parecia um chuvisco de caramelo quente na pele de Whit.

– Tenho de ir certificar um cadáver – respondeu, sem olhar para Irina.

– Manda-o vestir um fato – gritou Babe da cozinha.

– Quem é que morreu? – Soava *moreu*; a camisa de noite exacerbava a suavidade do acento russo. Por amor de Deus, Irina nascera num clima frio. Seria possível que não acreditasse nos benefícios da flanela?

– Não sei – mentiu Whit, tentando esquivar-se. Se o filho da mulher mais poderosa do senado do Texas jazia morto num barco, Whit não diria uma só palavra a respeito antes do anúncio oficial.

A madrastra, de vinte e cinco anos, ofereceu-lhe um sorriso capaz de lhe morder as bordas do coração.

– Queres que te faça um café para lebares? Ou uma sandes?

Claro, porque ver um cadáver com o cérebro desfeito por uma bala ia forçosamente abrir-lhe o apetite. Apesar disso, sorriu para Irina, grato pela sua amabilidade.

– Não, obrigado. Até já – despediu-se, fazendo tilintar as chaves no bolso.

– Tem cuidado – lançou-lhe Irina quando o viu sair para o majestoso alpendre da frente. Um bom conselho. Nas três noites anteriores, sonhara com ela, sonhos que nada tinham de maternal. Sim, precisava mesmo de ter cuidado. Arriscava-se a murmurar o nome

da madrasta enquanto dormia, e Faith Hubble, com razão, não se coibiria de usar as suas aguçadas unhas para o castrar.

Longínquos relâmpagos iluminavam o céu noturno. Uma tempestade ganhava força a oeste do golfo do México e empurrava as nuvens negras na direção de Port Leo. O vento de outubro soprava forte com a promessa de chuva.

No seu *Ford Explorer*, Whit desceu lentamente o caminho da casa, pavimentado com conchas de ostra esmagadas. Acelerou na *Evangeline Street* e passou pelas velhas mansões vitorianas até chegar à *Main Street*. Daí seguiu para norte, passando pelo centro da vila em direção à marina.

As lojas de Port Leo que abasteciam os turistas estavam fechadas. Passou a boa velocidade pelo parque de Port Leo e os seus meandros de relvado e praia; pela austera estátua, enegrecida pelos dejetos dos pássaros, de Leão Magno, o papa que dera o nome à vila; por uma fila de galerias que estavam na moda e vendiam as obras dos muitos artistas da terra. As águas da marina do centro da vila embalavam tranquilamente a frota de barcos camaroeiros amarrados ao cais. Algumas *boîtes* com nomes que não primavam pelo bom gosto, como *A Gruta do Pirata* ou o *Novas Oportunidades (Oportunidades para quê? Para apanhar sífilis?*, perguntava-se Whit), permaneciam abertas. A sua iluminação estroboscópica incendiava as vidraças, mas, nos parques, eram raros os carros.

Um *Porsche 911*, repercutindo o estrondoso *I'm Your Boogie Man*, de KC & The Sunshine Band, passou por ele que nem uma bala. Pelo retrovisor Whit reparou que, das luzes de trás, só uma se acendeu quando o bólido abrandou para virar para uma transversal. *Vemo-nos em breve no tribunal*, pensou Whit, *e podes crer que vais pagar a multa a dobrar por causa dos teus gostos musicais*.

A *Main Street* ia dar à *Old Bay Road*, que serpenteava ao longo da baía de St. Leo. De um lado da estrada havia uma modesta faixa de areia branco-suja e do outro, uma fila de vivendas para arrendar e lares para reformados. Em frente, na imensidão da baía, as luzes cintilantes de vários barcos de lazer deslizavam, lentas. Whit baixou a janela para inspirar o perfume da costa: cheirava a peixe morto, à madeira dos embarcadouros consumida pelos elementos, ao vento

salgado que impregnava as ervas altas. Uma série de cartazes ao longo da estrada proclamava «VOTEM EM BUDDY BEERE PARA JUIZ DE PAZ».

Fazer campanha era um nojo. Whit odiava as campanhas. Falta-
vam pouco mais de quinze dias para as eleições e Buddy, o seu rival,
espalhara por Port Leo prospectos e cartazes em número suficiente
para constituírem perigo de extinção florestal. Whit enfeitara o seu
Explorer com ímanes publicitários, rebatizando-o de «votomóvel»,
e colocara vinte pequenas tabuletas nos principais cruzamentos do
distrito, mas não lhe sobrava tempo para andar a telefonar aos eleito-
res ou para fazer campanha porta a porta, até porque odiava a ideia de
andar a suplicar a desconhecidos por um cargo. No entanto, se Buddy
Beere – que Whit considerava ter um QI inferior ao de um enxame
de mosquitos, mesmo que um grande enxame – o derrotasse, as suas
opções de carreira passariam a estar limitadas à venda de gelados,
à pesca ou a servir *lattes* no estabelecimento de Irina.

Passou por um cartaz enorme que o instava a «REELEGER LU-
CINDA HUBBLE – SENADO DO TEXAS». Na fotografia, com a sua in-
confundível cabeleira ruiva e os óculos de um azul forte, Lucinda
saudava os eleitores, evocando ao mesmo tempo uma tia bondosa
e uma líder plenamente segura de si.

Se o morto fosse mesmo Peter Hubble, a palavra *catástrofe* não
chegaria para descrever a situação.

Whit entrou no parque de estacionamento da marina de Golden
Gulf, também pavimentado com conchas de ostra esmagadas. As
luzes giratórias dos carros-patrolha, vermelhas e azuis, iluminavam
fortemente o verde-marinho esbatido e os remates brancos do edi-
fício principal. Aquela morte atraía um amplo sortido de autorida-
des: a Polícia de Port Leo, os adjuntos do xerife de Encina, as viaturas
do Departamento de Parques e Vida Selvagem do Texas, a Polícia de
Trânsito: mais parecia um congresso das forças da ordem. Provavel-
mente, o sobrenome Hubble fora aludido nas frequências rádio das
forças da ordem e toda a gente acorrera.

Whit sussurrou um palavrão.

Alguns residentes da marina tinham sido obrigados a abando-
nar os seus barcos e erravam pelo parque de estacionamento em
roupão e calções, observando o desenrolar das operações.

Whit estacionou e pegou num caderno contendo formulários jurídicos, um par de luvas de látex e uma pilha que fazia parte do *kit* para inspeção das cenas de crime, material que conservava sempre no seu carro. Fox, o agente que lhe telefonara, montava a guarda diante da fita amarela da polícia e acenou-lhe mal o viu.

– Olá, juiz Mosley. – Fox franziu os olhos ao reparar na camisa tropical e nos calções amarrotados. – Vem de uma festa?

– Não – retorquiu Whit com uma carantonha maldisposta.
– É ali?

No extremo do cais, um agente saltava de um iate imponente.

– É, sim. Uma maravilha de barco, não acha?

Whit deslizou sob a fita amarela, pensando: *Se calhar o melhor era ter vestido o fato.*